

O SEGREDO DA FRELIMO

PROBLEMA IDEOLÓGICO É FUNDAMENTAL NO DESENVOLVIMENTO DA NOSSA LUTA

- PRESIDENTE SAMORA MACHEL À REVISTA "AFRIQUE-ASIE"

O Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Machel, concedeu à revista «Afrigue-Asie» uma importante entrevista na qual analisa alguns aspectos do actual processo revolucionário no nosso País.

A entrevista que passamos a transcrever na íntegra, foi-nos amavelmente cedida pela «Afrigue-Asie» que brevemente publicará um suplemento especial sobre a República Popular de Moçambique.

Os historiadores estarão todos de acordo para escrever que o 25 de Abril de 1974, data da queda do colonialismo português, foi uma viragem na luta dos povos da África Austral para a sua libertação. Mas a ele que estudar a história

da Revolução africana verificará que o 25 de Junho de 1975 teve também uma importância primordial para a região, para o Continente e para o terceiro mundo no seu conjunto.

Naquele dia, a tomada do poder pela Frente de Libertação de Moçambique, em Maputo um novo modelo, o do «poder popular», veio enriquecer o património teórico e prático da luta contra o colonialismo e o imperialismo.

Uma das forças principais da experiência moçambicana é a sua sobriedade. Contrariamente ao que se passa em muitos países, a FRELIMO deu sempre prioridade aos actos em detrimento das palavras.

Essa experiência, que pode considerar-se entre as mais rigorosas do ponto de vista ideológico e entre as mais radicais na sua experiência quo-

tidiana, nunca recorreu à verbosidade nem à demagogia para se fazer conhecer no exterior ou para suscitar entusiasmos efêmeros entre as massas.

A África Austral tinha necessidade desse estilo FRELIMO que substitui os «slogans» pela verdade e a análise científica. Mesmo antes de festejar o seu primeiro aniversário, a República Popular de Moçambique conseguiu tornar-se o eixo de uma nova fase decisiva na luta libertadora dos povos da África Austral.

Foi em redor do Presidente Samora Machel que os dirigentes da Tanzânia, da Zâmbia e do Botswana reencontraram a via de acção unitária, esquecendo tudo o que os divide. Foi no interior das fronteiras moçambicanas que a resistência do Zimbábue, rodada pelo entusiasmo e a co-

dição dos combatentes da FRELIMO, se abrigou das conspirações e das perniciosas rivalidades entre os seus chefes históricos.

A FRELIMO não faz mistério disso: segundo ela, só a luta de libertação de longa duração pode conduzir um povo colonizado à liberdade e à edificação de uma sociedade sem exploração. Entretanto, a FRELIMO sabe muito bem que a revolução não pode ser exportada, nem imposta. Também fica à disposição dos nacionalistas do Zimbábue, seja qual for o caminho militar e político que forem obrigados a escolher.

Essa mesma solidariedade, total e desinteressada, a FRELIMO oferece-a hoje ao movimento nacionalista da África do Sul. Nenhum país africano está mais bem colocado do que Moçambique para estudar o monstro, para aplicar essa palavra de ordem da FRELIMO que exige «definir primeiro o inimigo». Após anos e anos de apoio tão radical como eficaz, os patriotas sul-africanos podem preparar-se hoje, em Moçambique, para a fase final da sua luta.

Mas os efeitos da vitória da FRELIMO não se limitam à África Austral. Foi a diplomacia silenciosa da FRELIMO que impôs ao mundo inteiro — incluindo o Ocidente capitalista — a obrigação moral de reconhecer no Conselho de Segurança das Nações Unidas o verdadeiro fundamento da luta do povo do Zimbábue. Foi o estilo FRELIMO, resultante dos sofrimentos de um povo em luta durante dez anos, que recordou ao mundo inteiro que a revolução africana não se faz com os caprichos e os telegramas de Idi Amin, mas que é obra das massas populares.

Esse papel africano e internacional de Moçambique não é nem um milagre, nem o resultado do génio de um punhado de dirigentes. É antes o resultado de uma luta sangrenta no decorrer da qual se eliminaram muitos obstáculos e muitos equívocos.

Foi por isso que quisemos dedicar este suplemento a experiência moçambicana. Porque a força da República Popular de Moçambique reside primeiro no homem novo que, longe de ser uma palavra vã, vive tão bem em Samora Machel como no mais humilde militante nos quatro cantos do país.

Raramente como em Moçambique se constata o laço profundo que existe entre a política interna e externa de um partido revolucionário.

Propomos esta radiografia do Moçambique independente a reflexo de todos os homens e movimentos que, por toda a parte no terceiro mundo, lutam para concretizar as suas aspirações.

Entrevista exclusiva do Presidente Samora Machel

«A NOSSA TÁRIFA PRINCIPAL: CONSTRUIR UMA SOCIEDADE»

O segredo da FRELIMO. A questão ideológica. O que é a disciplina dos militantes? As classes em presença. As regiões libertadas e as outras. Uma Frente ou um Partido? Poder produzir e combater. Moçambique e o mundo.

África-Asie: A República Popular de Moçambique não é certamente o primeiro estado do terceiro mundo cujo nascimento é o resultado de uma guerra de libertação longa e heróica. E todavia, embora vos encontreis nas primeiras páginas da vossa independência e se não tivestes ainda tempo de transformar a realidade do vosso país, tem-se já a impressão de que a vossa experiência é — desde já — tão exemplar como era no tempo dos combates.

Falou-se e fala-se ainda hoje do «segredo» da FRELIMO, de algo imperceptível que teria permitido ao vosso Partido multiplicar as suas vitórias, vencer todos os obstáculos, ganhar onde tantos movimentos revolucionários fracassaram. Qual é, então, o segredo da FRELIMO?

Presidente Samora Machel: Muita gente interrogou-se e se interroga ainda qual é o segredo da vitória da FRELIMO. Acho que seria necessário, antes de responder, fazer uma outra pergunta: porque se assistiu à desintegração ou, mesmo, ao desaparecimento de um certo número de movimentos de libertação? Porque movimentos nacionalistas que levaram a cabo a luta armada, que no decorrer dessa luta, apareceram unidos e fortes que chegaram a mostrar as características de um partido, se desagregaram uma vez chegados ao poder? Há nisso matéria para estudar e reflectir.

No que a nós diz respeito, impõe-se uma primeira constatação:

Desde o seu nascimento até aos nossos dias, a FRELIMO surgiu como um movimento sólido e homogéneo. Como o conseguimos? Considerando sempre fundamental o problema ideológico no desenvolvi-

mento da nossa luta. Demos prioridade à ideologia: Isso quer dizer que, desde o início, sabíamos que a nossa luta era uma luta de classes. Desde esse instante tomámos consciência do facto de que no nosso país existiam classes sociais antagonicas. Sem isso, não nos teria sido possível aprofundar a questão ideológica do nosso combate, não teríamos tido a capacidade de depurar as nossas fileiras, de definir o nosso inimigo. Não teríamos sabido encontrar, em cada fase, o elemento acelerador e unificador das forças patrióticas e revolucionárias posto na vanguarda da nossa luta.

África-Asie: Mas toda a gente não está de acordo sobre a prioridade a conceder à ideologia. Chegou-se até a dizer que, sobretudo nas primeiras fases de uma luta de libertação, a «questão ideológica» podia dividir as forças em vez de as unir.

Presidente Samora Machel: Está aí a nossa experiência para demonstrar o contrário. É verdade que numa fase inicial, dita de unidade nacional, no decorrer da qual é sobretudo necessário constituir uma primeira plataforma que seja o ponto de união de um conjunto de forças. Mas, uma vez mobilizadas essas forças em volta da plataforma, é imperativo definir a sua unidade a nível ideológico. Dar-lhes uma perspectiva clara e comum.

Fomos capazes de forjar essa unidade ideológica e o resultado é que, hoje, os nossos inimigos pretendem que os homens da FRELIMO, sobretudo os seus dirigentes, «não pensam». A realidade é que pensamos todos da mesma maneira e os os nossos inimigos sentem-se chocados por isso. Não podem compreender que não se trata de uma limitação, mas antes de uma força da nossa experiência; que se trata do resultado de um trabalho e de um esforço enormes; que se trata de conquistas que não se obtêm de um dia para o outro, ou compulsando os livros.

No curso dos anos e durante a luta subimos compreendendo e definindo o que podia e devia unificar a nossa maneira de ver as coisas, de lutar, de pensar. Forjámos um pensamento comum. É a razão por que, se sobre tal ou tal problema um de nós faz uma declaração em Nova Iorque, outro em Moscovo e outro em Bona, a maneira de analisar a questão será a mesma. No interior do nosso país, do Maputo a Tete, da capital a Cabo Delgado, os responsáveis da FRELIMO falam uma única linguagem. Nesse nível, a ideo-

logia deita de ser uma força espiritual para se transformar numa força material, numa arma de combate.

Africa-Asie: Um aspecto da vossa experiência que sempre chocou os vossos amigos e os vossos inimigos foi a capacidade da FRELIMO de não cair na armadilha das lutas pelo poder. Parece que transformastes sempre as lutas para o poder em lutas políticas.

Presidente Samora Machel: Como já disse, entre nós a unidade não se baseia em princípios abstractos ou vagos, é a unidade real forjada pela luta e o trabalho colectivo. Nunca fugimos à discussão, mesmo dura, entre nós. É assim, como uma confrontação permanente, que entendemos o processo unitário. E tínhamos razão. Porque todos os que estavam errados, os que tinham posições contrárias aos interesses da nossa luta, encontraram-se automaticamente afastados, rejeitados por esse processo.

Uma vez ainda, o nosso segredo é simples: prioridade à política. Qualquer conflito que surja nas nossas fileiras é imediatamente levado a nível político. Não esperamos, desencanaemo-nos a batalha a nível político.

Acho que é necessário dar exemplos. Tomemos o tribalismo, um mal que muitas vezes é combatido vagamente ou que não recebe a definição rigorosa. Para nós, desde que se admitiu que o tribalismo existe e que é um perigo, é preciso levantar imediatamente o problema: como o tribalismo se manifesta entre nós? E é a mesma coisa para o racismo, o «grupismo», os diferentes complexos de que sofrem os indivíduos que não estão ainda suficientemente mergulhados na luta revolucionária. E então, no decorrer da discussão, diz-se abertamente a tal ou tal camarada que o seu comportamento está errado porque se mostra racista ou tribalista. Abre-se a discussão, a crítica, sempre que isso se torne necessário. Sem hesitar. É a única maneira por que os programas passam do papel para a prática. Porque de nada serve ter belos princípios, se se não é capaz de mudar a realidade.

Africa-Asie: Chegamos a essa disciplina lendária dos militantes da FRELIMO. Uma disciplina que quiseram chamar «disciplina»...

Presidente Samora Machel: Falou-se também de «disciplina militar», de obrigação e de outras coisas.

Há pessoas que não gostam da nossa disciplina. Mas é preciso compreender-se. Como dizia, esforçamo-nos por transformar a ideologia e, de uma força espiritual, fazer dela uma força material. Falamos também de «interiorização» da linha política de cada militante. Ora, mesmo que alguns dos nossos amigos nos digam que «exageramos», sabemos que a nossa atitude sobre esse ponto é correcta, que se não pode obter coesão nas nossas fileiras se não definindo um modelo de comportamento que condicione toda a nossa vida.

A sobriedade e o desenvolvimento, numa palavra, o estilo de vida do militante da FRELIMO, não são o resultado da coacção nem do medo.

Tomemos o exemplo das nossas relações individuais que se poderiam julgar «frias»; porque não há, entre nós, essa falsa camaradagem, esse falso «liberalismo» entre companheiros, que se encontra entre outros. E todavia, nós, os militantes da FRELIMO, somos entre nós os melhores amigos, amamo-nos. Mas os nossos laços não são superficiais, foram forjados durante a luta. Cada um de nós conhece os sofrimentos do outro, de todos os outros. A fraqueza de cada um é a fraqueza de toda a gente. É por isso que recusamos a ligeireza, as perdas de tempo. Discutimos, gracejamos muitas vezes; mas não nos é possível comportar — mesmo temporariamente — como homens sem responsabilidades, como vagabundos, como tagarelas.

A nossa disciplina vem do nosso profundo conhecimento das estruturas e das tarefas da nossa organização. A quem fala de coacção, respondo que, na mesma medida em que ela constitui uma nova maneira de viver, a nossa disciplina é antes uma libertação do homem.

Para vencer o nosso inimigo foi-nos preciso travar no plano individual um combate prioritário contra os nossos defeitos, contra as nossas fraquezas, tais como o subjectivismo ou individualismo. Porque se não fôssemos capazes de encontrar, a todos os níveis, uma linha de demarcação entre nós e o inimigo, nunca teríamos conseguido vencê-lo. Em resumo, o nosso comportamento deve reflectir a nossa linha política. A questão não é sermos puritanos, mas demonstrar que o militante revolucionário sabe identificar-se com novos valores que se opõem ao comportamento da sociedade

que se quer destruir.

Africa-Asie: Outra constante da luta da FRELIMO foi o que se chama «uma definição correcta do inimigo». Como definis hoje o vosso inimigo?

Presidente Samora Machel: Primeiro aprendemos a nunca subestimar o nosso inimigo, qualquer que seja a sua força aparente. Isso aplica-se ao colonialismo e ao imperialismo, cuja força é evidente, como para os reacçãoários que se encontram entre nós. Uma vez que se reconheça a sua existência, é preciso encontrar uma estratégia para os combater. Sobretudo, é preciso não se convencer nunca que os venceremos definitivamente.

A situação de hoje não é mais fácil do que ontem. O inimigo principal de ontem, o colonialismo, definia-se pela sua natureza. Já se. Oprimia-nos, Humilhava-nos, Dividia-nos. Matava-nos. Não se arriscava a enganar-se.

Quanto aos inimigos de hoje, há os que são difíceis de detectar, de denunciar. Tomemos um inimigo que existe no nosso espírito, como o subjectivismo. Como travar o combate contra esse veneno escondido que se reproduz todas as vezes que se julga tê-lo eliminado, que se multiplica e muda de aspecto?

Uma vez ainda, trata-se de travar «um combate interno», a nível individual. Viver a linha da FRELIMO é viver as preocupações principais da maioria do povo oprimido.

Não se pode limitar a olhar o povo de alto e dizer: «Olha, o povo sofre e devo libertá-lo». Sempre combatemos isso e combatêmo-lo mais energeticamente agora.

Ver o povo como o objecto da nossa acção não faz sentido nenhum. Se eu, a nível individual, não me libertar, como poderia contribuir para a libertação do meu povo?

Eis porque, quando dizemos «a luta continua», alguns perguntam: «A luta continua contra quem se o colonialismo já caiu?»

Mas o colonialismo não é o inimigo mais perigoso. Há uma maneira errónea de ver as coisas, uma certa mentalidade que conservamos e que é preciso eliminar a todo o custo.

Eis um inimigo muito mais perigoso. Quando se trava, como nós, a luta a nível ideológico, a tarefa é muito difícil. Não basta ler nem estudar, nem ter boa vontade. É preciso a todo o momento

situar o inimigo e atacá-lo. Porque, ainda hoje, após tantas vitórias, com o nosso programa correcto e toda a nossa experiência, poderíamos perder a nossa batalha revolucionária.

Afrique-Asie Quando a FRELIMO fala de destruição total da sociedade actual, da ordem social herdada com a independência, em que género de transformação pensais? Realizar-se-á esse processo por etapas, ou a um ritmo forçado?

Presidente Samora Machel: Quando falamos em dar prioridade à política, isso não é uma palavra vã. Durante a guerra, aprendemos muito bem a mobilizar o nosso povo e a travar a nossa batalha no seio das massas. Antes, foi-nos preciso — e é-o ainda — contar com os camponeses, com os explorados. Muitas vezes trata-se de homens isolados, que vivem longe do colonialismo, sem «o ver». Ao mesmo tempo que lhes damos uma consciência de exploração, que se ilustra esse fenómeno e os seus mecanismos, os nossos militantes aprendem a ver o mundo com os olhos de um camponês, a compreender as suas verdadeiras aspirações. Ela o que nos confere o direito de falar da FRELIMO como do legítimo representante dos interesses populares.

Esta linha de massa é adoptada em todos os domínios. Tomemos o caso da exploração da mulher, aceite pela sociedade tradicional e cientificamente organizada pelas sociedades capitalistas que, com a prostituição, chegam à comercialização da mulher.

Ora, eis uma luta que iniciámos, mas que estamos longe de ter ganho. Muito temos feito, mas não se pode falar da supressão generalizada da dependência da mulher. Ela é ainda vítima da opressão, passa do estado de subordinação ao pai para o de subordinação ao marido. A maioria das mulheres moçambicanas, não obstante os esforços da FRELIMO, não tomou ainda consciência das engrenagens da exploração. Constata-se, pelo contrário, um certo fatalismo.

Tomemos o caso da juventude. Na sociedade tradicional, os jovens já são privados da sua iniciativa, sofrem as consequências da alienação de um sistema baseado no poder dos velhos.

Porque se afirma que são as velhas gerações que sabem

tudo, que tudo compreendem? E para evitar qualquer transformação radical, para conservar a ordem estabelecida, para bloquear qualquer desenvolvimento. A sociedade capitalista dita «liberal» finge dar à juventude, com um sistema educacional moderno, as suas oportunidades de se afirmar. Mas, na realidade, tudo está previsto e preparado para que as novas gerações sigam os passos dos seus predecessores, para que se adaptem e se identifiquem com o passado. Todo o sistema educativo moderno está concebido de maneira a dividir a juventude, e não lhe proporcionar os meios de analisar o conjunto da sociedade.

O nosso trabalho de mobilização visa eliminar todas essas barreiras antigas e novas, a dar a todos, com a nossa ideologia, os meios de libertar a sua energia. Para transformar esse conjunto de energia e de ardor espiritual numa força material capaz de tudo mudar.

Afrique-Asie: A FRELIMO definiu o seu combate como uma luta de classes, na época da guerra. Mas, ainda hoje, após a independência, frivolas os antagonismos das classes sociais que existem no país. Quais são, então, as classes em presença após a que dado colonialismo?

Presidente Samora Machel: Seria um erro crer que o facto de termos ligado a nossa bandeira nacional tenha feito desaparecer a divisão da nossa sociedade em classes. Estamos, pelo contrário, perfeitamente conscientes da existência de categorias sociais reaccionárias de vocação burguesia e capitalista. Daí a necessidade de nos definirmos em comparação com eles.

Desde que a FRELIMO dirige o Estado Moçambicano, essas classes perderam o poder, o que não significa que tenham renunciado a lutar. Estão em vias de se reorganizarem. Já encontraram algumas armas novas de luta política, por exemplo os «boatos que circulam». É uma verdadeira arma, cujo alcance não pode subestimar-se.

Assistimos actualmente a uma aliança entre a classe colonial propriamente dita e a burguesia local nascente. Porque o colonialismo, nos seus últimos anos, havia compreendido perfeitamente que a maneira mais eficaz de lutar contra a FRELIMO era promover o nascimento e a consolidação de uma burgue-

sia nacional que tomasse o lugar do colonialismo e convertesse a luta revolucionária.

Esse processo havia sido incitado. Vemos nas cidades, sobretudo aqui, no Maputo, numerosos elementos da população que têm um sentido de classe, de classe dominante, bem entendido, muito agudo. Foram capazes de desalojar centenas de pobres para construir os «seus» bairros. Têm já hábitos, modelos de comportamento, interesses comuns a defender. Hoje, que os seus privilégios estão em perigo, aliaram-se aos colonos, que já não podem travar a sua luta política abertamente. São os colonos que alimentam ideologicamente a burguesia local, sugerindo-lhe «slogans». Ouve-se dizer, por exemplo, cada se vivia melhor na época colonial porque não existia tal ou tal problema.

Ora, eu não compreendo vez com mais insistência, que que se queira perpetuar pr-comparar a liberdade e a opressão? É o cúmulo! Pode-se verdadeiramente ao nosso povo que regresso ao colonialismo? A noite sem estrelas seria então melhor do que a luz do sol? A tortura preferível à liberdade?

Essas pessoas travam uma luta de antemão perdida e, todavia não subestimamos o perigo que constituem como classe, como inimigo permanente das classes trabalhadoras. Pelo contrário, seguimos a sua evolução, as suas tentativas de infiltração.

Há manobras da burguesia local que já fracassaram. Assim, alguns haviam pensado que após a tomada do poder, ao fim de um certo tempo, a FRELIMO teria grande necessidade de quadros qualificados e que seria entre os «revolvidos» que se seria obrigado a procurá-los. Pensavam dessa maneira apoderar-se do aparelho do Estado e bloquear ou desviar os nossos projectos.

Mas não temos absoluta necessidade de técnicos e de quadros administrativos de que a burguesia dispõe mais do que a FRELIMO. Não temos receio de entregar, numa primeira fase, o aparelho de Estado menos eficaz, com a condição de que conserve a sua inspiração e o seu carácter populares. É sempre melhor do que ter um Estado teoricamente eficaz mas inteiramente nas mãos da pequena burguesia, porque estaríamos então totalmente dependentes do nosso inimigo da classe. Quantos

países africanos passaram por esse fenómeno e caíram assim nas mãos das classes privilegiadas!...

Destruíramos todas as estruturas e as tendências que são próprias do sistema capitalista. É o povo que deve apoderar-se de tudo, porque entre nós o único «qualificado» é o povo que lutou pela sua libertação.

Em certa medida, podem prever-se já as iniciativas da burguesia. Ela não hesitará, por exemplo, em aliar-se com a África do Sul em nome do «realismo económico», do pretensado bem-estar do país, para combater o que se chama a crise económica. Mas que crise? Se há uma crise no nosso país, é a crise do sistema capitalista-colonialista que morre e é uma crise que era inevitável, que tem as suas raízes no passado. Esta crise, quisemo-la. Os «realistas» não são os que querem salvar o capitalismo moribundo — e que, ontem justificaram o sistema colonial e dele tiraram proveito —, mas nós que queremos reconstruir a economia nacional sobre novas bases.

Sim, as classes existem e existiram durante muito tempo. Mesmo tratando-se de classes mal definidas ou, por vezes, de simples «tendências» de classes.

Tomemos o feudalismo que, embora pouco desenvolvido, existe em Moçambique. É aliado da burguesia. Os filhos dos senhores feudais passam directamente pelas fileiras da burguesia urbana. E os senhores da terra! Alguns pretendem ainda, nos nossos dias, que a terra «pertence» a tal ou tal indivíduo. Não se pode admitir isso.

África-Asie: Contrariamente a alguns, a FRELIMO não hesitou em tomar as suas distâncias em relação à religião, sobretudo quando se trata de «movimentos religiosos» que acabam por exercer influência na organização da sociedade.

Que lugar reservais à religião na vossa sociedade?

Presidente Samora Machel: A religião é conservadora. A sua característica fundamental é a conservação, quer de ordem social, quer de si própria e da sua força. Se um movimento religioso decide «mexer-se», actualizar-se, é melhor conservar-se para resistir à sua própria destruição. Foi por isso que entre nós fizemos a nível da Constituição, uma separação muito nítida entre o Estado e as

religiões. O nosso Estado é inteiramente laico.

Entre nós, o caso da Igreja Católica, que tinha em Moçambique enormes privilégios, é significativo. Ela era mais bem organizada, a mais ligada à ideologia colonial. Em Moçambique, a Igreja Católica era a autoridade e mais nada. Ninguém pode negá-lo. Ela identificou-se a tal ponto com o colonialismo que podem encontrar-se documentos segundo os quais o desejo da independência nacional é considerado um pecado. Não podemos esquecer-lo.

Assistimos agora a uma aliança de todas as religiões de que vêm em perigo. Porquê? Porque não lhes resta a arma da «crítica moral». Quando um poder quer bater-se contra o poder político, acusam-se os homens que dirigem o Estado de «falta de moralidade», porque se pretende que unicamente a religiosidade pode dar ao homem uma moral, a moral revolucionária, que não pode ser atacada por ninguém mas somos nós que acusamos os dirigentes dos poderes religiosos de imoralidade a todos os níveis. Recusamos a sua hipocrisia, porque o seu modelo de moral prevê uma via dupla: uma impecável, muito severa, quando se encontra perante o mundo aos seus subordinados, «de serviço»; a outra é a via relaxada, sem regra, individualista. Nós estamos «de serviço» 24 horas por dia. A nossa moral é a única moral «superior» possível porque é revolucionária.

África-Asie: Basta visitar hoje, mesmo rapidamente, o Moçambique independente para notar as diferenças que existem a todos os níveis entre as zonas libertadas desde o tempo da guerra e o resto do País. Como pensa preencher este fosso?

Presidente Samora Machel: É indiscutível. Há uma parte do País que se libertou durante a guerra e uma outra parte que foi repentinamente libertada, devido ao derrube do colonialismo português. Nas zonas onde a luta se tinha desenvolvido até um nível tal que a própria presença do colonialismo tinha sido eliminada, assistimos a um desenvolvimento muito rápido da sociedade. São regiões onde as iniciativas das massas estão em pleno movimento, onde os homens possuem uma maneira muito lúcida de ver os problemas e uma capacidade surpreendente de os resolver. É o resultado da luta de libertação.

A tarefa desta descolonização mental, ou seja, a afirmação da personalidade

nacional, é o principal problema que se constata nas zonas que foram libertadas de um dia para o outro, onde o inimigo ficou fisicamente até ao fim. Nessas regiões onde o homem não conseguiu alcançar esse estado de dependência, dir-se-ia que a população sente como que um sentimento de vazio. Esta sensação, demasiado brusca e muitas vezes inesperada, para a liberdade cria a incerteza. Interrogam-se: Quem nos vai proteger agora? Quem vai acudir para substituir o colonizador? Há lá uma parte da população que sempre viveu sob a égida da «autoridade» e é obrigado por ela. É preciso dar tempo até que essas pessoas se possam aperceber de que a nova autoridade não vive nem de longe nem de cima, que ela reside no próprio coração do povo.

É este período de transição, evidentemente difícil sob vários aspectos, que leva a falar-se de crise. Embora fosse preciso precisar qual o significado a dar a este termo.

Onde não existe crise alguma é nas zonas anteriormente libertadas. A paragem do exercício colonial, no fim da guerra, melhorou bastante a vida de uma população cuja primeira preocupação era resistir ao inimigo. E como se trata de uma população que, desde há anos, vivia de uma forma organizada, era muito consciente politicamente e tinha uma enorme confiança na aptidão do homem para resolver os seus problemas, assistiu-se a progressos surpreendentes. Nas zonas libertadas não se espera ninguém, não se reclama a intervenção de ninguém. O poder criador das massas é suficiente para transpor os obstáculos e para mudar radicalmente a realidade quotidiana.

Voltando às zonas ocupadas até ao fim pelo inimigo, o nosso principal problema é de explicar ali — e demonstrá-lo, bem-entendido — que é preciso abandonar inteiramente o sistema instaurado pelo colonialismo. É preciso evitar a todo o preço que se tente reproduzir o mecanicismo do colonialismo — ao nível económico, mas também social e cultural — sem colonialistas. A FRELIMO está em vias de demonstrar a essa parte da população que não só não tem necessidade de imitar o colonialismo, mas também que nós podemos fazer e realizar o que o colonialismo não soube ou não quis fazer.

África-Asie: Sim, mas o fenómeno não tem provavelmente um sentido único. O projecto da FRELIMO é entender o poder popular, que já é uma realidade nas zonas libertadas, a todo o País. Mas há também o perigo de esta nova sociedade que viu a luz do dia graças à guerra de libertação, e onde todo o modo de vida capitalista foi enterrado, seja de algum modo con-

dade, para codificar um certo número de privilégios.

A resposta da FRELIMO foi rápida e eficaz. E todavia, um problema se põe. Num país como Moçambique, directamente ameaçado pela arrogância dos regimes racistas vizinhos, a defesa nacional permanecerá durante muito tempo um objectivo prioritário. Em outros termos, Moçambique é obrigado a permanecer militarmente forte.

Como evitar que esta necessidade não dê origem a conflitos entre o poder popular e os militares?

Presidente Samora Machel: Não, não teremos senão que continuar os métodos empregados durante a luta, quando o inimigo se encarnicava contra as zonas libertadas e quando as Forças Populares deviam constituir, com as massas populares, uma sólida muralha.

Era preciso defender-se, consolidar as posições, avançar. Mas a simbiose entre as Forças Populares e o povo era total. O povo participava na guerra e o exército participava na produção. Por que nós pensamos que um exército que se bate sem produzir encontra-se destinado a morrer. Está votado a perder a sua superioridade que é a dos exércitos populares. Seria um exército que, não participando na actividade quotidiana do homem e na sua evolução, não poderia levar no seu seio o homem novo, libertado dos seus complexos, devotado aos interesses das massas populares. Seria um exército que não participa na vida do novo um exército parasitário.

Quando dizemos que o exército deve produzir para apolar o combate o nosso cuidado não é «ocupar» os soldados, inventar uma actividade que os impeça de se encerrarem nos quartéis. Pensamos em alguma coisa de mais profundo. Trabalhamos, mas é o trabalho que nos modela. Somos o produto do trabalho. Um exército em que os homens não se encontram integrados no processo da produção termina inevitavelmente por se afastar das massas, para constituir uma classe social diferente e antagonista. Vai conhecer contradições no seu seio e não terá a capacidade para as ultrapassar por que não será capaz de se analisar nem analisar a sociedade. Será um exército estéril, incapaz de planificar, de distribuir as tarefas no seio, de se dar objectivos. Corpo

estranho ao conjunto da sociedade não viverá as preocupações do povo, mas as suas próprias. Começará por se ocupar dos soldados e do nível de vida dos seus elementos. Tornar-se-á conservador, reaccionário.

Onde então pode o exército encontrar a capacidade para se bater e para ganhar? Na produção.

Onde irá encontrar novas ideias e conhecimentos? Na produção.

Onde pode dar-se uma consciência de classe? Na produção.

Como irá resistir aos divi-onismos e às agressões ideológicas? Como vai ter uma definição correcta do inimigo e saber qual o poder que e necessário construir? A resposta está sempre na produção e não nas armas.

Antes da independência tinhamos um exército de combate e de produção. Era necessário libertar a terra para poder produzir. Agora que a terra está libertada e que se produz, é necessário lutar para proteger a produção. O nosso exército deve transformar-se num exército de produção e de combate.

Afrique Asie: Falou-se muito do sistema de reeducação introduzido pela FRELIMO e que rompe com as tradições existentes em matéria judiciária, que trata de delitos políticos ou de direito comum. Quais são os fundamentos deste sistema?

Presidente Samora Machel: Não inventámos nada. Foi a nossa experiência que nos fez compreender um certo número de coisas. Primeiro que é com efeito inútil procurar uma solução administrativa, policial, para problemas cuja origem seria antes política, social ou cultural. Temos também compreendido que numa sociedade injusta todo o homem é alucinado, ora mais, ora menos. O indivíduo reflecte os condicionamentos do meio, do conjunto da sociedade. Não se pode afastar desta influência. Mas também é verdade que qualquer homem tem uma consciência, que pode ser consciente e reagir ao processo de alienação que sofre.

Nunca nenhum homem reagirá, nem nunca descobrirá os seus erros se se encerra entre quatro paredes. Pelo contrário, afundar-se-á na sua alienação. Para que mude a sua maneira de ver as coisas, para que encontre a sua personalidade, é necessário que volte à sua origem, que entre em contacto com a

terra, porque é a sua origem.

Da mesma maneira que produzimos nós próprios os males que nos destroem, acreditamos dever classificar diferentes categorias de criminosos ou alienados. Primeiro há homens que violam as leis por causa dos vícios como o álcool ou a droga. Uns cometem crimes pela ambição política, outros ainda por ambição económica; esta última categoria é de longe a mais perigosa por que se trata de pessoas prontas a renegar a sua pátria, a allar-se com qualquer inimigo, para sabotar a economia para destruir as conquistas do povo. A nossa experiência ensinou-nos que, muitas vezes, o ambicioso político e o ambicioso económico procuram allar-se para melhor atingir os seus fins. É o exemplo de Lázaro Kavandama e de Urias Simango. Desde que duas pessoas como eles se alliam, os seus erros, que na origem não tinham a mesma gravidade, tornam-se similares.

Para voltar àqueles que se tornam criminosos devido aos seus vícios pessoais parecem-nos evidente que a origem destes vícios está em procurar na imoralidade profunda que produz a sociedade capitalista. Tudo deve ser reportado à falta de respeito pelo ser humano. Isso diz, é igualmente evidente que não se pode eliminar estes vícios com leis ou por simples repressão. É necessário antes atacar as estruturas da sociedade e modificá-las de alto a baixo, abatê-las. O que quer dizer que a nossa ideia da reeducação não se limita a abrir «campos» para onde se enviam os homens para restabelecer o contacto com a terra. A nossa noção de reeducação visa reconstruir inteliramente a personalidade e a capacidade do homem enquanto ser vivente mais evoluído do universo. Trata-se de criar em redor do homem o ambiente no qual se poderá honestamente lançar um apelo à sua consciência. Não acreditamos nos castigos. Mesmo na época da guerra, perante faltas graves, face a alguém que se tinha passado para o inimigo, esforçávamo-nos por compreender o porquê. Isso havia acontecido e como se podia evitá-lo para o futuro.

Não, nós não pretendemos corrigir as ideias erróneas pela força das armas ou com castigos.

Aliás, não são só os criminosos que têm necessidade de reeducação de se redescobri-

brir. Todos nós, na medida em que sofremos um processo de alienação, estamos para nos redimir. Nós temos necessidade de regressar à terra, ao trabalho manual, à produção.

Mesmo ali nós vemos a luta entre duas tendências entre duas maneiras de conceber o homem, não como um indivíduo isolado preso aos condicionamentos, mas como parte integrante de uma vida colectiva que só o pode transformar e libertar. Regressamos ali também uma vez mais a essa luta para a eliminação total dos vestígios da velha sociedade, em todos os domínios e a todos os níveis.

Africae Asiae: A ascensão de Moçambique à independência, sob a direcção da FRELIMO, bastou para modificar o equilíbrio existente na África Austral. Não unicamente pela relação ao poder branco, mas também entre os países independentes que podem contar com um novo aliado engajado na luta pela independência económica.

Falou-se muitas vezes da disponibilidade de Moçambique para a criação de novos conjuntos regionais. Como vê o problema?

Presidente Samora Machel: Em primeiro lugar, é preciso admitir que o desenvolvimento económico e social de um país como o nosso, baseando-se totalmente na agricultura, deve passar através do desenvolvimento industrial. O que exige um contexto que não temos no nosso país, atrasado com oito a 10 milhões de habitantes. Não se pode então renunciar a olhar para além das nossas fronteiras nacionais.

Em segundo lugar, é preciso dar-se conta que um país como o nosso deve de preferência procurar os seus aliados entre os que, como nós, são fracos e conhecem os mesmos problemas. No sistema mundial que existe, dominado pelos países capitalistas, nós poderíamos dificilmente pretender entrar em concorrência com os ricos. No dia em que produzirmos uma bicicleta será fatalmente, no mercado internacional, mais cara que a bicicleta japonesa.

Com os países capitalistas desenvolvidos as nossas relações económicas não podem ir senão num único sentido.

Eles compram-nos matérias-primas é verdade, mas o seu fim fundamental é vender os seus produtos. Não há então verdadeira troca. O que nos obriga a encontrar alternativas. Tomemos o exemplo de um produto que tenhamos necessidade e que se fabrica tanto no Japão como na Tanzânia. Verificar-se-á que o

produto tanzaniano é mais caro. Mas nós notamos que, embora que ao Japão não podemos senão comprar, com a Tanzânia podemos trocar este produto com um dos nossos. Assim, compramos, mas, ao mesmo tempo, podemos estimular a nossa produção. Isso é verdade com o produto tanzaniano assim como com o produto «caro» com proveniência da nossa província de Cabo Delgado.

Se se tem uma visão global do problema, e se se parte da vontade de proteger e de consolidar a nossa economia em vez de elogiá-la impõe-se um certo tipo de «cooperação». É necessário convencermos a nível nacional e regional, que podemos com as nossas próprias forças vencer um certo número de escalões do desenvolvimento económico.

Mas isto não é tudo. A complementaridade é uma exigência nacional para a defesa de uma economia ao serviço das massas populares. E por isso que hoje se tende a considerar que todos os problemas económicos que implicam relações internacionais devem ser baseados na complementaridade. E pensamos que uma das bases principais desta complementaridade entre países diferentes para a adopção de opções políticas populares. Se não, não se chegaria a defender os interesses das massas populares.

Não é necessário aqui dar exemplos de reagrupamentos económicos regionais que, em África, falem ou estão em vias de falir. Toda a gente os conhece. É importante sublinhar que a dificuldade principal destes conjuntos foi de harmonizar as posições políticas dos parceiros. Para que seja viável o desenvolvimento regional não é possível senão entre países cuja perspectiva comum é a defesa dos interesses das massas populares. Todos os países cuja perspectiva é «popular» poderão cooperar connosco quer sejam vizinhos ou não. Quanto aos outros, limitar-nos-emos a conservar com eles relações comerciais de Estado para Estado. Mas não haverá complementaridade.

Africae Asiae: Mas há também as relações com os países industrializados aos quais se obrigou fazer apelo para o desenvolvimento de certos sectores da economia...

Presidente Samora Machel: A nossa regra sobre este conjunto é que no nosso país fazemos os projectos e os programas. A partir desse momento podemos tomar contacto com outros países cujos projectos e programas coincidem com os nossos. Veremos em que medida podemos

colaborar. O que buscamos categoricamente, é o paralelo, mesmo o mais próximo, que virá até nós, não para adaptar as suas exigências às nossas mas para fazer ele próprio os projectos e os programas em nosso luar. É a partir deste princípio que a República Popular de Moçambique faz a sua entrada na cena económica mundial.

Africae Asiae: Para permanecer nos problemas internacionais, mas desta vez de ordem política, falamos do Oceano Índico. Ali também a tomada de poder pela FRELIMO alongou a lista dos países africanos decididos a bater-se contra as manobras do imperialismo: Somália, Tanzânia, Madagáscar. Encara a formação de uma frente africana anti-imperialista para pôr o Oceano Índico ao abrigo dessas manobras?

Presidente Samora Machel:

Consideramos que todo o regime progressista na região constitui já uma defesa das conquistas revolucionárias de outros países vizinhos. Mesmo quando não se trata de um regime revolucionário, o facto que, num ou noutro país, as forças da contra-revolução sejam reduzidas ao silêncio, isso constitui uma vitória para todos nós. Isso estreita o campo de intervenção do imperialismo. Temos já excelentes relações com a Tanzânia e a Somália. Quanto a Madagáscar, esperamos desenvolver e consolidar as relações que existem já. Isso cria as bases para uma coordenação da nossa política que deve fazer frente a uma agressividade imperialista que cresce de dia para dia. Em Diego Garcia, nas Comores (país ao qual foi consagrada a primeira tomada de posição internacional de Moçambique independente), às Seychelles, os americanos, os britânicos e os franceses estão em permanente consultas para reforçar a sua presença face à escalada anti-imperialista. Criam mesmo falsos «escândalos» como o da pretensa base soviética na Somália para melhor cobrir a multiplicação das suas próprias bases na região.

Não há dúvida agarraremos qualquer ocasião possível para que os países africanos exprimam uma posição anti-imperialista comum e militante.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-05-22)